

Ocupar as narrativas com palavras de ordem: textualidades das notas de deflagração das ocupações universitárias de 2016 no Ceará

*Occupying narratives with slogans:
textualities of the public notice triggering the 2016 university
occupations in Ceará*

*Ocupar las narraciones con consignas:
textualidades de las notas de deflagración de las ocupaciones
universitarias de 2016 en Ceará*

Daniel Macêdo¹
Márcia Vidal Nunes²

Resumo

Com a onda de ocupações universitárias ocorridas em 2016, ao serem deflagradas em instituições cearenses, foram lançadas notas públicas realizadas por estudantes-ocupantes. Nestes textos, tomados como narrativas sobre si orientadas à comunicação pública, são articuladas perspectivas sobre as pautas defendidas e sobre as ações executadas. Considerando as textualidades que fundamentam cada nota de estopim de ocupações em 26 unidades acadêmicas de 5 instituições no Ceará, realizamos um exercício teórico-metodológico com redes textuais a fim de evidenciarmos as proposições narrativas; e, com elas, discutirmos tanto os usos desta forma textual para relações públicas, quanto os deslocamentos construídos a partir do contexto e da incidência política para tomada de posição sobre o acontecimento.

¹ Doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista da CAPES e pesquisador no Grupo de Pesquisa Mídia, Política e Cultura vinculado ao PPGCom da Universidade Federal do Ceará. Email: daniel.3macedo@gmail.com. ORCID: 0000-0002-1415-7792

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professora titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do Grupo de Pesquisa Mídia, Política e Cultura. Email: marciavn@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-3318-4937



Palavras-chave: Ocupação universitária; Ceará; nota pública; textualidade; narrativa.

Abstract

With the wave of university occupations that took place in 2016, when they were launched in institutions in Ceará, public notes were released by student-occupiers. In these texts, taken as narratives about themselves oriented towards public communication, perspectives are articulated on the agendas defended and the actions carried out. Considering the textualities that underpin each fuse note of occupations in 26 academic units of 5 institutions in Ceará, we carried out a theoretical-methodological exercise with textual networks in order to highlight the narrative propositions; and, with them, discuss both the uses of this textual form for public relations, and the shifts built from the context and political incidence to take a position on the event.

Keywords: University occupation; Ceará; public notice; textuality; narrative.

Resumen

Con la ola de ocupaciones universitarias que tuvo lugar en 2016, cuando estallaron en instituciones de Ceará, se divulgaron notas públicas de los estudiantes ocupantes. Estos textos, tomados como narrativas sobre sí mismos orientadas a la comunicación pública, articulan perspectivas sobre las agendas defendidas y las acciones realizadas. Considerando las textualidades que sustentan cada nota fusible de las ocupaciones en 26 unidades académicas de 5 instituciones de Ceará, realizamos un ejercicio teórico-metodológico con redes textuales para destacar las proposiciones narrativas; y, con ellas, discutir tanto los usos de esta forma textual para las relaciones públicas como los desplazamientos contruidos a partir del contexto y de la incidencia política para tomar posición sobre el acontecimiento.

Palabras clave: Ocupación universitaria; Ceará; nota pública; textualidad; narrativa.

Introdução

Um “golpe de Estado” faz do ano de 2016 um marco na história brasileira em meio ao frágil percurso democrático do país, como nos propõem Boulos e Guimarães (2016, p. 139) ao discutirem a transição de poder e a espetacularização jurídica e midiática que envolveram o *impeachment* de Dilma Rousseff. A queda da presidenta abriu alas ao governo de seu vice, Michel Temer, que impôs uma agenda política diferente da que os elegeu. Embasada em um novo regime fiscal a partir da Proposta de Emenda Constitucional 241/2016 que depois fora nomeada por 55/2016, o governo



de Temer nomeado por “Ponte para o Futuro” fundamentava-se nesta Emenda para readequação dos empenhos públicos a partir das novas diretrizes políticas que orientavam a gestão pública. Popularmente conhecida como PEC do congelamento, a iniciativa consistiu no “estabelecimento de um teto para o crescimento das despesas dado pela taxa de inflação do ano anterior, o que significa que haverá um congelamento delas em termos reais e que o gasto efetivo”. (Paulani, 2016, p. 76)

A educação pública esteve entre os setores diretamente impactados por tal iniciativa, como argumenta a economista Leda Paulani (2016). As ofensivas contra a educação pública rapidamente mobilizaram atos de resistência estudantil. Em crítica à Reforma do Ensino Médio e à PEC do Congelamento, mais de mil escolas foram ocupadas no Paraná como discutem Groppo, Martins, Sallas e Flach (2021) e esta experiência foi indicial para outras iniciativas em instituições de ensino. Em 10 de outubro de 2016, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste tornou-se a primeira instituição a ter campus ocupado em meio a este contexto político. Passados pouco mais de um mês, reuniam-se mais de 220 campi ocupados em todo o país em crítica à nova agenda fiscal, em defesa da educação e pautando “Fora Temer” segundo a União Nacional de Estudantes – UNE (2016).

No Ceará, a partir dos escritos de Macêdo (2017), conferimos que a sublevação estabelecida pelos estudantes teve início de modo descentralizado da capital com a paralisação das atividades acadêmicas no Campus Cajazeiras do Instituto Federal do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu, em 21 de outubro de 2016. Na sequência, a Reitoria da Universidade Regional do Cariri (URCA) e unidades acadêmicas da Universidade Federal do Ceará (UFC), da Universidade Federal do Cariri (UFCA), da Universidade Federal da Integração da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB) e do IFCE somaram-se à agenda de mobilizações nacionais.

Muitas elaborações narrativas propondo contornos simbólicos às ocupações foram realizadas por atores sociais diversos que tomavam posicionamentos frente às ações de jovens estudantes ao abandonarem o conforto e a segurança de seus lares e ao subverterem a ordem pública construindo o que consideramos o maior movimento de ocupações universitárias na história brasileira. Muitas destas elaborações narrativas não estavam aliadas às reivindicações estudantis e testemunham os interesses que são próprios de quem as articula. As narrativas propostas aos acontecimentos pelos jornais *O Povo* e o *Diário do Nordeste*, pesquisados por Macêdo e Nunes (2024), constituem



bons exemplos para considerarmos que as composições engendradas nos textos tornam sensíveis as tomadas de posições políticas exercidas pelas editoriais em meio às disputas de sentidos em torno do caso. Isto é, ao produzirem esforços para silenciamento das reivindicações estudantis por “Fora Temer” e construírem uma figuração egocentrada em torno da UFC e em detrimento das demais ocupações no Ceará, as proposições narrativas realizadas pelas empresas citadas deixam ver a agência política produzida frente à multidimensionalidade dos acontecimentos.

Diferente de uma composição limitada e homogênea, os acontecimentos são articulações de sentidos que ganham contornos singulares a depender das lógicas interpretativas e das tomadas de posição frente a um caso como discutem Louis Queré (2005) e como aprofunda o conjunto de escritos contidos no livro *Acontecimento: reverberações*, organizado por Vera França e Luciana Oliveira (2012). Esta compreensão é fundamental para tomarmos que proposições diversas a uma experiência coexistem em aproximações e distanciamentos que revelam tanto a multidimensionalidade dos acontecimentos como propõem Leal e Macêdo (2024), quanto as tensões, as conflitualidades, as alianças que se tornam visíveis quando articulamos um conjunto de proposições ao acontecimento e as enredamos.

Já não basta, portanto, considerar as construções de sentido dos jornais como uma verdade indubitável; ao passo que, ao tomar as construções de sentidos sobre as ocupações universitárias de 2016, somos chamados a considerar outras textualizações que emergem e com elas se articulam – nem sempre de modos pacíficos ou convergentes. Neste rumo, temos empreendido um percurso de pesquisa considerando a agência de outros atores sociais que produziram narrativas públicas e, com elas, dinamizaram as possibilidades de significação ao acontecimento em estudo. De modo especial, temos empenhado atenção às proposições realizadas por estudantes-ocupantes – que centram objeto de discussão neste artigo.

Para isso, compartilhamos das proposições de Maria da Glória Gohn (2011; 2013; 2017) para quem as mobilizações sociais ganham formas em práticas comunicativas; contudo, diferente desta pensadora, não nos interessa a composição de explicações precisas e orientadas às generalizações do macro em torno dos processos comunicativos como materialidades para estabelecer categorias e tipologias aos movimentos sociais. Investigar as narrativas propostas por estudantes é, aqui, um gesto para considerarmos as proposições de sentidos realizadas pelos agentes sociais



que constroem as ocupações e que dão corpo às mobilizações políticas no caso em estudo. Desta forma, textos realizados por ocupantes possuem fortes demarcações de escritas sobre si que, como nos propõem os ensaios organizados por Carlos Mendonça e Juarez Dias (2023), convocam olhares contextualizados ao micro das experiências e das textualidades que as fundamentam.

A partir desta demarcação epistêmica, é justo ponderarmos que as diversas formas de incidência política de estudantes-ocupantes constituem-se como textos pelas quais afirmações e recusas dar-se-ão a ver como tomadas de posições frente às textualidades. Para considerarmos as textualidades, nos valem dos conjuntos de contribuições organizadas por Bruno Leal, Carlos Alberto de Carvalho e Geane Alzamora (2018) em que se fundamentam as percepções dos textos para além das dimensões materiais e midiáticas, localizando-os como formulações parciais pelas miradas de quem as propõe e situadas frente aos contextos espaço-temporais em que se inscrevem e em que circulam. Neste rumo, tanto as estruturas visuais das ocupações discutidas por Macêdo, Nunes e Gadelha (2023), quanto as publicações realizadas no Facebook investigadas por Macêdo (2024) constituem textualizações em que estudantes-ocupantes posicionam perspectivas sobre si e sobre a ação política que desenvolvem intencionando, com elas, disputar as formas de percepção sobre o acontecimento.

Para além destas inscrições, a produção e a circulação de notas públicas constituíram-se como práticas que buscaram o diálogo com públicos amplos. Ao reuni-las, podemos observar a forte presença deste formato articulado ao início de uma ocupação, comunicando a nova ordem de funcionamento dos espaços e pontuando os motivos e avaliações que mobilizaram o movimento. A forma específica das notas públicas enquanto práticas de relações públicas e de comunicação organizacional ganha contornos singulares em razão do contexto em que são realizadas. Nelas, ganham contornos tanto as formas como percebem a ação que protagonizam e o papel político que exercem, quanto as reverberações possíveis a partir destas iniciativas.

Não à toa, o uso de notas públicas como estratégia de comunicação e como forma de intervenção política por estudantes-ocupantes tornou-se, ao longo deste percurso de pesquisa, uma questão pela qual dedicamos esforços como forma de complexificar as reflexões sobre as formas de construir narrativas sobre si e sobre a incidência política que promovem. Com foco nas notas de deflagração das ocupações,



discutimos, a seguir neste artigo, tanto as proposições narrativas pelas quais estudantes propõem figurações sobre a pauta política que reivindicam e sobre a ação política que desempenham; quanto as particularidades nos usos realizados desta forma textual como parte das dinâmicas de textualização dos estudantes-ocupantes.

Notas teórico-metodológicas em textualidades midiáticas

Para firmar tais discussões, tomamos as deflagrações das ocupações como um marcador contextual que orienta a reunião das notas a comporem as materialidades em estudo. Ainda que dispersas em impressões nos Centros Acadêmicos e em posts públicos nas páginas no Facebook, colecionamos 26 notas para efetivação desta pesquisa.

Cada nota textualiza os debates produzidos em assembleias estudantis as posições que culminaram em greves e em ocupações universitárias. Para estudar com esses textos, realizamos uma incursão teórico-metodológica a partir dos estudos em textualidades midiáticas. Isto demanda, a partir dos apontamentos de Carlos Alberto de Carvalho (2016, p. 268), um esforço para complexificar a leitura dos textos para além do que está aparente na “articulação de sentidos” ao considerarmos os aspectos contextuais e políticos que, por um lado, impregnam a produção do texto; por outro, o posicionam em relação a outros textos voltando-se a “disputas sobre significados”.

Trata-se de um movimento dual de operacionalização dos dados que considera, como parte de nosso exercício, um primeiro ato voltado a articular cada nota pública ante às textualidades que as estruturam; para, em um segundo ato, produzir enredamentos com os aspectos narrativos dos textos a fim de compor uma perspectiva complexa em torno tanto do uso de notas como estratégia política dos estudantes-ocupantes em 2016, quanto das convergências e aproximações políticas entre as iniciativas ocorridas no Ceará.

No primeiro ato, consideramos que cada nota se textualizou como um documento público a fim de posicionar uma formulação coesa em torno das perspectivas que fundamentaram a decisão por ocupar campus e unidades acadêmicas. Para isso, como nos propõe Carvalho (2016), realizamos incursões particulares em cada nota interrogando-as frente às particularidades com que foram textualizadas. Com um diário de bordo, produzimos anotações elencando as pautas e as práticas políticas expostas nas notas e pelas quais estudantes-ocupantes compõem figurações



sobre si articulando-as ao contexto particular da deflagração de cada uma das ocupações registradas nas notas em estudo.

O primeiro ato firma-se como um movimento de suspensão da estabilidade atribuída às palavras nas notas para, frente às mobilidades que constituem e que são constituídas com os textos, tomar as textualidades como condicionantes instáveis que fundamentam os textos como proposições de sentidos. Neste rumo, produzir anotações é, aqui, um ato teórico-metodológico que tanto valoriza a textualização particular ao encontro com os textos no ato de pesquisa, quanto as parcialidades e as impurezas inerentes ao pesquisador como operadores da construção de conhecimento.

Tanto as notas produzidas por estudantes-ocupantes, quanto as notas firmadas neste ato de pesquisa constituem como demarcações que se voltam contra a totalidade do acontecimento; na medida em que nos convocam a ver os borrões, as rasuras, as tomadas de posições características dos processos de textualização. Assim, de nossos exercícios como pesquisadores, o que se expressam são apontamentos sobre nossas relações com os textos e as reflexões emergentes deste encontro; sem, no entanto, esgotarem as possibilidades de que outros elementos possam ser notados com o mesmo material.

A partir das anotações, realizamos o segundo ato como exercício para confeccionar uma “rede textual” a partir das proposições de Gonzalo Abril (2013). Assim, elaboramos articulações entre elementos narrativos a fim de considerarmos as aproximações e os distanciamentos entre as práticas e as pautas políticas nos casos em estudo e entre os usos peculiares das notas como estratégia de comunicação.

As composições de uma rede textual são marcadas pelas imprecisões das conexões estabelecidas por um pesquisador; não existindo, portanto, um roteiro. Deste modo, a composição de uma rede textual entre as notas e suas textualidades é, pois, uma experimentação que se fundamenta nas anotações possíveis neste percurso de pesquisa. Estabelecendo articulações entre as notas, buscamos sair das atomizações de cada caso para constituirmos reflexões a partir das pistas com as quais enredamos os textos.

A partir das conexões que conferem a rede textual em estudo, torna-se possível tomarmos notas das ocupações de 2016 para além da homogênea demarcação territorial que, pretensamente, pode unificar ações diversas como um movimento comum; para, a partir das particularidades de cada um dos 26 marcos de deflagração,



considerarmos nas convergências e nas divergências, nas unidades e nas frações uma composição complexa em torno das percepções sobre as pautas e as ações políticas ali propostas.

Isto é, na medida que cada nota revela a tomada de posição dos estudantes em um dado contexto, em um dado lugar; enredá-las nos permite tatear as tensões que configuram dimensões complexas das mobilizações, das expressões, das intersecções e das rupturas que caracterizam as iniciativas no Ceará. A partir das redes textuais construídas com as 26 notas nesta pesquisa, nos voltamos para processos de leitura das conexões enredadas para, com isso, promover discussões entre as pesquisadoras envolvidas nesta pesquisa.

As proposições, partilhadas nas próximas sessões, delineiam-se em dois rumos: no primeiro, realizamos a exposição das relações com as proposições narrativas que fundamentam textualizações em torno das pautas e das ações apontadas por estudantes-ocupantes; no segundo, empreendemos discussões conceituais sobre o uso estratégico das notas públicas no caso em estudo. Este processo de sistematização das reflexões a partir das leituras é uma via para saber com as notas e, a partir destes, compor os diálogos teóricos. Como nos propõe Carvalho (2016), este é um gesto para instabilizar as certezas atribuídas aos conceitos e, com as textualidades, admitir a possibilidade de reembasá-los a partir do que há de específico em cada caso – como nos empenhamos a fazer a seguir.

Proposições narrativas sobre as pautas políticas

Com as notas, encontramos perspectivas políticas argumentadas pelos estudantes como pautas que justificam as ocupações. A partir das recorrências nas anotações, entramos os apontamentos contidos nas notas em dois enredamentos: o primeiro destaca a relação de estudantes-ocupantes com o governo de Michel Temer; o segundo considera as relações com a agenda política e com as medidas por ele impostas.

Temer sai, Estudantes ficam

Fora Temer! Assim exclamavam as notas das assembleias estudantis de Comunicação Social, Psicologia, Letras, Geografia, Biologia, Fisioterapia dos campi em Fortaleza; Psicologia do Campus Sobral da Universidade Federal do Ceará e na



Ocupação do Campus Redenção da Universidade Federal de Integração da Lusofonia AfroBrasileira. Do Sertão ao Litoral cearense, estudantes não tinham dúvidas: vivíamos um golpe à democracia.

A contrariedade ao Governo interino e a denúncia ao golpe institucional vivido no Brasil eram constantes nas falas e anseios de cada comunicado. Assim, os registros textuais se acumulam sob a compreensão de que, em 2016, “vivemos um cenário sociopolítico que exige que não sejamos omissos e omissas. O golpe à democracia, protagonizado pelo presidente ilegítimo, Michel Temer, é resultado do avanço do conservadorismo”, para os estudantes representados pelo DABIO UFC (2016). Já os estudantes de Geografia, em nota de assembleia, apontam que “os ataques desse governo TEMERoso intensificam a exploração da classe trabalhadora em nosso país que é quem realmente está pagando o ‘pato’” (CAAA UFC, 2016) frente a ruptura democrática e a imposição de uma agenda e de um projeto de nação sem legitimidade popular.

A insatisfação com a precarização do sistema público não é uma novidade do pós-golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Contudo, se intensifica a partir das medidas arbitrárias e sem diálogo com o povo sobre o caráter das decisões tomadas pelo Governo Federal, promovendo uma postura “ainda mais truculenta e intransigente que o anterior” (CAPA UFC, 2016). À vista disso, estudantes revelam estarem “cansados do sucateamento das nossas Escolas, Universidades, Hospitais, que já vem de antes do governo Temer e, com o golpista, se acentua a cada dia que passa.” (DATA UFC, 2016)

Convertendo-se em incidência política, estas percepções fundamentam reconhecimentos de classe aos discentes para formulação de um olhar sobre o cenário político do país e, assim, pautar a conjuntura que lhes é alvo de debates e que os atinge ao se identificarem nas notas como “jovens periféricos” e “sertanejos que acessaram as universidades”. Um bom exemplo é a demarcação de lugar social de ocupantes da UNILAB que se perceberem como: “estudantes oriundos destas ditas ‘minorias sociais’, desfavorecidas no contexto político, econômico e cultural” e reivindicarem “primeiramente a destituição do atual governo, junto com seu pacote de retrocessos sociais”. (OCUPAÇÃO DA UNILAB, 2016)

Ajuste econômico sai, Educação Pública fica!



“Estamos na luta não só para derrubar o Temer. Isso já é de lei.” (DCE UFC, 2016), imprimiam estudantes da UFC para, apesar da centralidade do não-reconhecimento do Governo apontado como “golpista”, pontuar a existência de outras pautas de manifestação encampadas pelo movimento estudantil contra a agenda do Governo Federal; como a Medida Provisória 746/2016 de Reforma do Ensino Médio, o Projeto de Lei do Senado 193/2016 da Escola sem Partido e a Proposta de Emenda Constitucional 55/2016 (antiga PEC 241/2016) de Novo Regime Fiscal. Tais medidas representam o fruto da “inconformidade da elite com os progressos sociais dos últimos tempos e se concretiza com a tomada de medidas de austeridade e de apolitização da sociedade” (DABIO UFC, 2016), argumentavam as estudantes de Ciências Biológicas da UFC em nota de deflagração.

Não à toa, tais pautas mobilizaram assembleias e convocaram estudantes para discutir política e apontar estratégias para dar visibilidade a suas formulações; uma vez lidando com paradigmas diretos de Universidades que já sofriam com a precarização, incitando discentes a refletirem “como isso [PEC 55] nos atinge no momento atual e em um cenário futuro” (CAMUS UFC, 2016). Ao avaliar as medidas, assembleias emitem olhar crítico à PEC 55/2016, pois, como afirmam estudantes de Comunicação Social da UFC,

ela tem como objetivo limitar o crescimento das despesas do povo brasileiro, congelando os gastos da saúde, educação e assistência social por 20 anos. Na prática, pretende privatizar essas áreas, parando os investimentos para abrir caminho para a iniciativa privada. (DATA UFC, 2016)

Trata-se, portanto, de um contrassenso. Dado que “os atuais investimentos em educação, saúde e previdência não estão suficientes para a atual demanda brasileira e é imprudente fazer um congelamento nessas áreas” (CAGB UFC, 2016). Considerando que o congelamento de valores para investimentos se dá apenas nas áreas sociais e ignora o montante destinado à dívida pública externa – que acumulou 42,43% do Orçamento Geral da União em 2015, segundo a Auditoria Cidadã da Dívida Pública (2016) – estudantes da UFC afirmam que “na vida real, se trata de manter o pagamento aos banqueiros e diminuir os investimentos do Estado em quem mais precisa, que é o povo.” (DCE UFC, 2016)

A educação figura entre os setores inclusos nos ataques da PEC 55/2016 e remonta memória de outros tempos, experienciada na vivência de outros sujeitos, mas



que ainda ronda o imaginário e as narrativas sobre as universidades cearenses. Na Universidade Pública,

o que parece um deja vu é a realidade da Universidade que encontramos em 2016, beirar o colapso com o subfinanciamento, da mesma forma que ocorria nos anos 1990. Universidade sem dinheiro para pagar conta de luz, sem dinheiro para novas carteiras, sem dinheiro para manter laboratórios, sem dinheiro para manter os estudantes estudando. (DCE UFC, 2016)

Seja nos “desmontes causados pelo Governo Federal (golpista) à Educação Superior têm tido severos impactos nos programas de pós-graduação, desde os cortes de bolsas de pesquisa até o início do processo de privatização de Mestrados e Doutorados” (DATA UFC, 2016); sejam nos apontamentos da iminência de aprofundamento da precarização já sofrida em cada instituição de ensino superior; a situação contextual condiciona a oposição “a todas as consequências prejudiciais que estas medidas trazem sobretudo para a situação da educação brasileira” (CAPA UFC, 2016), e é apontada por estudantes como o marco da jornada de lutas e ocupações no Ceará.

Proposições narrativas sobre as ações políticas

Para além do sentimento de pertença a um movimento nacionalizado, as ocupações em estudo aproximam-se na aparente existência de uma unidade metodológica afirmada nas notas. Na rede textual, a respeito das ações políticas, as notas de deflagração partilham compreensão comum em que as vias de diálogo com o governo estavam esgotadas; de modo que a ocupação era a única forma de construir visibilidade para as pautas políticas que reivindicavam. A partir desta compreensão convergente, destacamos três enredamentos: a unidade de discurso político; o modelo democrático para início da ação e; por fim, um norte que aspira uma nova cultura política para o movimento estudantil.

Às ruas, a palavra de ordem

Existe, nas experiências de ocupações estudadas, uma avaliação conjuntural comum que traz à ordem do dia o enfrentamento ao governo Temer e a recusa da PEC 55. Estes elementos constam em todos os títulos analisados e são assumidos como as causas inaugurais do movimento nas notas de deflagração de greve estudantil na UFC



e de ocupação da Reitoria da URCA, do Campus Aldeota do IFCE e do Departamento de História da UFC.

O posicionamento nas notas, apesar de diferente nas palavras, é coeso nos rumos que anunciam. Ainda que geograficamente espalhadas no território cearense, percebemos ligas entre as posições políticas que norteiam a insurgência estudantil; apesar das tradições políticas diferentes que acometem movimentos de juventude e as práticas do movimento estudantil em cada curso, em cada campus e em cada Universidade. As notas, assim, convergem na produção de unidade de ação nas ruas e na palavra de ordem.

Vale considerar, ainda, que convergem ao referenciarem a construção local como parte do movimento nacional. Com isso, universitários cearenses caminham na proposição das ocupações como uma construção coletiva que envolve os discentes que operaram a decisão por ocupar; além de outros agentes que, por todo o país, são compreendidos como “companheiros” e “aliados”.

A democracia dos estudantes

Em todas as notas analisadas, reivindica-se as assembleias como geratriz das tomadas de poder das universidades. Elas são apresentadas como a instância máxima de decisão do movimento estudantil em cada curso ocupado, podendo variar a depender de sua esfera convocatória: geral, envolvendo todos os estudantes de uma instituição; e por área/unidade acadêmica, envolvendo as pertencentes a um ambiente delimitado, como um curso.

As assembleias constituíram marco central para a afirmação da democracia estudantil; pois, nela, todos os presentes podiam expor suas posições, fomentar o debate de ideias para, ao fim, todos votarem os rumos daquela coletividade. Ao promoverem assembleias para realizar debates e tomar decisões, o movimento se permite ampliar e aprofundar as percepções sobre as pautas em discussão; assim como a exposição de divergências, admitindo a possibilidade de não ocupar.

Neste sentido, a efetivação das ocupações denota a percepção de existência de uma maioria que não concorda com os rumos do governo Temer e com os (des)caminhos da PEC 55. Para atestar a firma coletiva, as assembleias exerceram a



cultura de tomada de decisões somente com o estabelecimento de quórum³ e apenas iniciaram-se ocupações após aprovação de assembleia, ainda que isso implicasse na realização de mais de uma edição, como aconteceu no LABOMAR/UFC. A primeira Assembleia estudantil – realizada em 8 de novembro de 2016 – do Instituto que reúne os cursos de Oceanografia, Ciências Ambientais e Mestrado em Ciências Marinhas Tropicais não alcançou quórum; assim, amadureceram as discussões e convocaram nova assembleia para 14 de novembro de 2016 e, ao estabelecerem o quórum, aprovaram a ocupação do prédio. Este é um bom exemplo narrado nas notas para entender a democracia estudantil e o respeito à participação, ao debate e às decisões coletivas que são marcas enredadas com as notas.

A inquietação estudantil com as pautas já discutidas reverberou em todas as assembleias que deflagraram ocupação, de modo que a urgência em discuti-las fomentou mobilização entre estudantes e conferiu às assembleias posição de fórum privilegiado em que discentes puderam formular suas reivindicações específicas de cada curso e de cada universidade. Para muitas e muitos, estas foram as primeiras experiências coletivas, como relatam estudantes de Biotecnologia da UFC ao compartilharem que:

esta é a primeira Assembleia Geral de Discentes do Bacharelado em Biotecnologia a alcançar tamanha quantidade de participantes [62,2% do total de estudantes], o que demonstra o engajamento dos discentes em relação às pautas apresentadas e a relevância delas no cenário acadêmico brasileiro atual. (CAGB UFC, 2016)

A alta taxa de participação estudantil é uma constante, como na Assembleia Geral que deflagrou greve estudantil na UFC e contou com contingente superior a 1800 credenciados – entrando nos anais da instituição como um dos maiores fóruns estudantis para debater política e nunca visto com tamanha intensidade na última década.

Apontamentos para uma nova cultura política

As trincheiras que representam a insurgência estudantil das ocupações demarcam o protagonismo de um setor que reivindica para si a resistência ao golpe à

³ Quórum é a quantidade mínima de estudantes que estabelece legitimidade à assembleia. O número é regulamentado pelo estatuto dos Centros Acadêmicos para assembleias de curso; e pelo estatuto do Diretório Central de Estudantes para assembleias gerais.



democracia. Estudantes continuaram encampando as avenidas e as vias públicas, ecoando “sonhos” e “lutas” contra os retrocessos anunciados. Estudantes se narram, a partir da jornada de ocupações de 2016, como perfis que denunciaram os ataques nas áreas sociais representados pela PEC 55 e, em mesma via, confrontaram o Governo Federal com ação direta unificada para interferir no cotidiano das cidades e tornar mais sensível o discurso de discordância.

Fora das mesas de negociação, universitários entendem o movimento que realizam como “combativo”, “radical” e “sem nada a Temer”. A decisão de tomar cada Instituição de educação para emergência do poder popular se convencionou no intento transmitir – de forma direta, mas também simbólica – a revolta e o desalento estudantil com o panorama brasileiro do período. O enfrentamento com as instâncias de Governo se dá na disputa de consciências com o registro e a propagação de narrativas de contrariedade às medidas tomadas; mas também se dá com a tomada de poder dos espaços que sofrem ataques. Por isso, longe do intento de promoverem o esvaziamento ou a depredação dos espaços ocupados, as notas afirmam que se pretendia “mostrar nossa apropriação pelo espaço. Ocupar legitimamente o que já é nosso”, como textualizam estudantes de Psicologia da UFC (CAPSI UFC, 2016). Assim, ao cuidar da Universidade, se propõem por meio das ocupações a abrir suas portas à comunidade e desenvolver outros modais de conhecimento (CADR, 2016; CAPSI, 2016) e permitem uma revolução na proposta, modo e horizonte de produzir conhecimento na academia.

Em toda essa trajetória contida nas notas, encontramos pistas para constituição do que se apresenta como uma “nova cultura política”. Do exercício de unidade simbólica e material fruto da mobilização de estudantes à construção de outro modelo de sociabilidade no espaço acadêmico fruto da tomada de poder, percebemos marcas de um tato que condiz a relações diferentes dos papéis verticais exercidos nas Instituições de Ensino Superior e, até mesmo, nas práticas de disputas habituais do movimento estudantil nas instituições ocupadas – se considerarmos os testemunhos reunidos no livro-reportagem de Macêdo (2017).

Notas públicas como afirmações políticas

As ocupações foram realizadas como atos de acirramento frente às impossibilidades de estudantes fazerem-se ouvidos em esferas governamentais locais e nacional. Ao atraírem visibilidade para pautas políticas a partir da ruptura



com o cotidiano das instituições, como observam Macêdo e Nunes (2023); as notas, neste contexto, constituíram-se como práticas de relações públicas em que afirmações políticas promovidas pelo movimento ganham formas singulares segundo os interesses de quem as produz e as particularidades desta estratégia de comunicação.

Não é novidade que movimentos sociais têm incorporado estratégias próprias do campo profissional das Relações Públicas que, por vezes, estão associadas às empresas e às instituições de direito privado como observa Waldemar Kunsch (2007) ao realizar levantamento histórico sobre tais usos considerando experiências situadas ao longo de três décadas no Brasil. Diferente de uma incorporação dos modelos comuns aos espaços organizacionais, os usos das tecnologias e dos instrumentos de relações públicas e de comunicação organizacional por movimentos sociais demandam remodelações ante às particularidades dos contextos que fundamentam a incidência política e dos agentes envolvidos em sua emergência.

No caso em estudo, importa notarmos como as notas públicas realizadas nos atos de deflagração se articulam a este apontamento ao mobilizarem o repertório associado a esta forma textual e à prática de emissão de posicionamentos públicos que fundamentam incidências políticas organizacionais; e, em conjunto, ao reposicionarem tais formas a partir do exercício peculiar aos movimentos de ocupações e às textualidades que emergem em cada caso. Tanto as notas emitidas por organizações de direito privado quanto as produzidas por movimentos sociais firmam-se como demarcações públicas para tomada de posição; contudo, o que encontramos no exercício desta forma textual por estudantes-ocupantes são apontamentos sobre as lógicas narrativas e os usos deste recurso que o conferem peculiaridade.

As notas produzidas por estudantes valem-se de palavras de ordem, de linguagem coloquial, da expressão de posicionamentos diretos por meio de uma composição textual direcionada a um público amplo e genérico. Se tomarmos como parâmetro as orientações realizadas por Venuto, Fayet e Navarro (2019) para elaboração de notas em contextos de relações institucionais e governamentais e pelas quais inclinam-se formalismo na linguagem e direcionamento a públicos específicos, podemos notar que estes apontamentos diferenciam-se do que observamos na textualização de estudantes-ocupantes; de modo que a composição narrativa das



notas nos são evidências importantes para observamos a adequação promovida no uso da técnica frente ao contexto e à textualidade emergente em 2016 nos lugares ocupados.

Diferente da unicidade de uma forma textual atribuída ao gênero ‘notas públicas’, as adequações promovidas para articulação desta estratégia de comunicação pelos movimentos de ocupação aliam-se às observações de Márcio Simeone Henriques (2004), ao considerar que movimentos sociais executam formas de comunicação legitimadas na esfera pública – como as notas – para fortalecer processos de mobilização social; sem, no entanto, a elas se fixarem Isto é, para Henriques (2004) a condição adaptativa de técnicas organizacionais é uma característica dos usos realizados por movimentos sociais – e que bem observamos no caso em estudo.

As notas constituíram-se, como observamos, em exercícios de relações públicas a fim de tensionar o debate social envolvendo as pautas políticas defendidas e as compreensões sobre a ação que desenvolviam. O aspecto público e de demarcação de posicionamento atribuído às notas não é uma novidade se considerarmos, assim como Duarte (2003, p. 146), que as relações públicas disputam percepções segundo interesses nítidos e “para atingir esse objetivo, produzem textos informativos para divulgação jornalística, compreendendo pautas, releases, position papers, informes oficiais, comunicados, artigos, notas técnicas. Enfim, produzem notícias”.

As notas que enredam as ocupações constituem-se como textos dispostos a circuitos de comunicação pública. Angela Marques e Éricka Nogueira (2012, p. 143) consideram que a comunicação pública demanda “uma estreita ligação com o contexto da vida privada dos indivíduos, recolhendo deste âmbito seus recursos vitais para depois fazerem com que se transformem em objeto de debate” e, por sua vez, notamos estas qualidades na textualização estudantil. Com as 26 notas em estudo, é possível notar que estavam orientadas a estabelecer vínculos de comunicação com outros agentes. Ainda que, por vezes, o alcance da circulação das notas não fosse antevisto; a amplitude do diálogo com perfis diversos constituía-se como parte da estratégia de uso deste modelo textual – o que tensiona, por sua vez, os processos de textualização.

Estabelecer laços de comunicação e promover visibilidade das inquietações



originárias e dos ensejos futuros enreda a textualização das notas enquanto estratégias para partilha das posições políticas e das deliberações estudantis. Como afirmações políticas, as notas anunciaram as percepções estudantis sobre o país em que viviam e demarcavam com estes textos uma perspectiva sobre o ato de ruptura ao cotidiano que produziam. As notas, orientadas o conjunto da sociedade, posicionam-se como afirmativas políticas pois, constituem-se como texto “para fazer-se presente na cena pública, mobilizar outros indivíduos e, assim, exercer pressão coletiva” que Marques e Nogueira (2012, p. 40) entendem como fundamentais para constituir visibilidades.

Textos públicos são mecanismos de construção de relações públicas dos movimentos sociais com transeuntes, com instituições oficiais, com grupos de comunicação, com jornalistas e com quem mais tome em mãos as narrativas ali propostas. As notas, neste sentido, orientam-se a partilha de uma perspectiva não só com a intenção de postulá-la ao debate público; ao passo em que busca produzir convencimentos em torno do que nelas é defendido; e, nisto, validam que “as relações públicas estão voltadas também para ativar mudanças sociais e culturais”, como antevira Maristela Mafei (2004, p. 29).

Assim, ao produzirem notas, estudantes realizam narrativas sobre si pelas quais formatam uma imagem da ação que realizam a partir dos interesses que os mobilizam; ao passo em que buscam convencer seus interlocutores tanto das pautas que defendem; quanto da necessidade de ocupar as universidades. A partir de uma revisão bibliográfica envolvendo a comunicação em movimentos sociais, André Fonseca (2011) destaca a orientação ao convencimento a partir de narrativas de si que fundamentam as notas públicas. Para Fonseca (2011, p. 69), diferente de uma composição total e panorâmica, o que se evidenciam nestas demarcações de posições são “as práticas culturais, os valores e as interpretações de mundo, de modo a veicular informações diretamente relacionadas ao contexto em que estavam inseridos”.

Partia, em cada nota, um esforço ao diálogo a fim de tornar compreensível a ruptura com a ordem cotidiana que se produzia com a deflagração de ocupações. Cada uma delas volta-se aos outros propondo composições de sentidos e atribuindo formas aos acontecimentos segundo os interesses que as embalam. Esta é uma característica comum às práticas narrativas, como propõe Leal (2022) ao elencar que narrativas se impregnam pelas parcialidades que as fundamentam. Temos, por consequência,



narrativas de si que inscrevem as impurezas que as fundamentam – e estas impurezas são, aqui, a potência desses textos. Notas, cartas e outros modais textuais adotados por movimentos sociais tornam possíveis o contato tanto com as ideias do grupo em documento oficial, quanto com as contradições contextualizadas que fundamentam processos de textualização.

Considerações finais

Considerando que os debates sociais ocorrem a partir das perspectivas que circulam, as notas ganharam as ruas e as redes como dispositivos midiáticos que expuseram afirmações coletivas legitimadas por assembleias, promovendo ideias e comunicando narrativas públicas sobre o acontecimento aos leitores destas – com quem pretende-se o diálogo, portanto, dispostas a alcançar aos outros admitindo as divergências. Neste rumo, é válido considerarmos as notas como estratégias de comunicação pelas quais estudantes tanto firmaram imagens de si a partir dos textos; quanto dispuseram estas elaborações aos outros, tomando esta estratégia como ato para comunicação pública.

Como discutimos, o uso das notas por estudantes-ocupantes diferencia-se das formatações comuns a esta estratégia quando aplicada em contextos institucionais – sobretudo nas organizações de direitos privados. O uso desta estratégia de comunicação pública nas ocupações, ao reposicionar esta prática a partir das contradições de incidências políticas contra-hegemônicas, estabelece uma formatação peculiar que se aproxima nos aspectos narrativos e textuais entre as 26 notas em estudo. É possível, ao enredarmos as notas, conferirmos a existência de uma estética própria atribuída às narrativas que depõem o caráter convergente entre as iniciativas de ocupação no Ceará. A estética é um dos elementos que interessam a Pedro Lima et al (2017) ao pensarem a relação entre organizações sociais e comunicação e, a partir dela, discutirem as interrelações que posicionam diferentes iniciativas como parte de uma seara comum. De modo especial ao caso em estudo, a composição narrativa convergente em aliança a uma estética comum entre iniciativas localizadas e singulares são aspectos importantes pelos quais podemos notar esforços para configuração de uma imagem aliada à coesão e à unidade nas ações políticas.

Outros elementos de escrita política foram realizados por estudantes-ocupantes, a destacar a construção de narrativas a partir de páginas no Facebook e das



composições visuais nas ocupações – discutidas por Macêdo (2024) em outros trabalhos. As notas, de modo particular, diferenciam-se dos casos citados em razão de suas formas e dos usos enquanto estratégia de relações públicas. Cada texto fundamenta distintas lógicas de legitimação e, como discutimos em diálogo com Henriques (2004), o uso de processos associados às relações públicas – como a emissão de notas públicas – por movimentos sociais é uma forma particular de ampliar as condições de respaldo frente às posições tomadas em meio aos debates sociais que tensionam as formulações de posicionamentos. Pesquisar as notas, neste rumo, mostrou-se relevante tanto para discutirmos as relações de adaptabilidade de uma forma textual em razão das textualidades que a fundamentam; mas, sobretudo, ao complexificar as miradas que nos são possíveis ao nos debruçarmos sobre as práticas para construção de visibilidade e tomada de posição por estudantes-ocupantes em meio às disputas de narrativas.

Ao expor versões estudantis sobre os acontecimentos, as notas concentram as vivências de militantes e as caracterizações nutridas sobre a conjuntura, fazendo-se, assim, como um documento contra-hegemônico que partilha perspectivas por vezes invisibilizadas nos grandes circuitos midiáticos. Ao articulá-las neste exercício teórico-metodológico em redes textuais, realizamos um movimento que considera as dimensões do micro de cada experiência; ao passo que as complexifica ao posicioná-las em relação umas com as outras a partir dos textos pelos quais as ocupações dão-se a ver. Mais do que 26 imagens de ocupações mobilizadas em cada nota, ao enredá-las conseguimos tomar notas das aproximações e distanciamentos em que a escrita de textos públicos nas ocupações fundamentou-se como um processo metodológico para comunicação pública: tratam-se de cartas abertas que, tal como as faixas que anunciavam as ocupações, inscreviam simbolicamente as tomadas de posição realizadas pelos discentes e fundamentavam a ação política.

Consideramos, como elemento central desta pesquisa, o papel de centralidade que as notas conferem aos atos de deflagração das ocupações. Como parte das relações públicas, a prática enunciativa estabelece testemunhos pelos quais propõem contornos a uma imagem sobre si e sobre a ação que realizam. Com isso, consistem em atos voltados ao diálogo com outros grupos sociais assinalando uma versão dos acontecimentos e a possibilidade de disputar a leitura dos fatos. A disposição ao diálogo é um esforço pelos qual estudantes-ocupantes postulam perspectivas; e, ainda



que sob lógicas desiguais frente a outros atores para circulação de ideias nos debates sociais, os empenhos com as notas podem ser compreendidos como ações orientadas à participação nas discussões públicas a partir das proposições de Costa Filho (2017) que evidenciam a íntima relação entre movimentos sociais e cidadania nas práticas de relações públicas.

Referências

ABRIL, Gonzalo. **Cultura visual**: de la semiótica a la política. Madrid: Plaza y Valdés, 2013.

AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA PÚBLICA. **Orçamento Geral da União** – Executado em 2015. Disponível em: <goo.gl/rGUcn2> Acesso em: 12 abr. 2018.

BOULOS, Guilherme; GUIMARÃES, Vitor. Resistir ao Golpe, reinventar os caminhos da esquerda. In: SINGER, André et al. **Por que gritamos golpe?**: Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

CARVALHO, Carlos Alberto de. As mídias como metáforas narrativas: apontamentos sobre a necessidade metodológica de não desprezar as textualidades. IN: MOURA, Cláudia Peixoto de Moura; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2016.

COSTA FILHO, Ismar. Comunicação organizacional cidadã: o papel social da assessoria de comunicação. MARQUES, Ângela et al. **Comunicação organizacional**: Vertentes conceituais e metodológicas. Belo Horizonte: Selo PPGCom UFMG, 2017.

DUARTE, Jorge (Org.) **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**: teoria e técnica. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

FONSECA, André. A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto de protesto à educação para a cidadania. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 126, p. 67-71, 7 ago. 2011.

FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana. (org.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos movimentos sociais**: Indignados, Occupy Wall Street, Primavera Árabe e mobilizações no Brasil. São Paulo: Cortez, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e Protestos no Brasil**: Correntes e contracorrentes na atualidade. Cortez Editora. 2017.

GROPPO, Luiz; MARTINS, Suely; SALLAS, Ana; FLACH, Simone. O maior, o mais ignorado, o mais combatido: o movimento das ocupações estudantis no Paraná em 2016. **Cadernos do Aplicação**, v. 34, n. 1, jan-jun 2021.



HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KUNSCH, Waldemar. Resgate histórico das Relações Públicas comunitárias. KUNSCH, Margarida; KUNSCH, Waldemar (Org.). **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação numa perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

LEAL, Bruno. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos; ALZAMORA, Geane. **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: Selo PPGComUFMG, 2018.

LEAL, Bruno; MACÊDO, Daniel. “Dar fé” à catástrofe cotidiana: a multidimensionalidade dos acontecimentos. **E-Compós**, v. 27, 2024.

LIMA, Pedro et al. Organizações sociais e comunicação: reflexões sobre o conhecimento, capital humano, liderança e estética. MARQUES, Ângela et al. **Comunicação organizacional: Vertentes conceituais e metodológicas**. Belo Horizonte: Selo PPGCom UFMG, 2017.

MACÊDO, Daniel. **Divino maravilhoso das ocupações universitárias pós-golpe de 2016 no Ceará**. Fortaleza: Quitanda das Artes, 2017

MACÊDO, Daniel. **Entre ruas e redes: narrativas estudantis sobre as ocupações universitárias de 2016 no Facebook**. Belo Horizonte: Selo PPGCom UFMG, 2024.

MACÊDO, Daniel; NUNES, Márcia. Enredando narrativas jornalísticas: textualizações das ocupações universitárias de 2016 nos jornais O Povo e Diário do Nordeste. **Revista Intexto**, Porto Alegre, v. 56, 2024.

MACÊDO, Daniel; NUNES, Márcia. GADELHA, Sandra. Ao ocupar Universidades, encontramos Paulo Freire: textualizações da pedagogia freireana na insurgência estudantil de 2016 no Ceará. **Revista ECCOM - Educação, Cultura e Comunicação**, v. 14, 2023.

MAFEI, Maristela. **Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia**. São Paulo: Contexto, 2004.

MENDONÇA, Carlos; DIAS, Juarez. **Em primeira pessoa: escritas afetivas e performativas de si**. Belo Horizonte: Selo PPGCOMUFMG, 2023.

MARQUES, Ângela; NOGUEIRA, Érika. Estratégias de visibilidade utilizadas por movimentos sociais na internet. **Revista Comunicação Midiática**, v. 7, n. 2, 2012.

PAULANI, Leda. Uma ponte para o abismo. In: SINGER, André. **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 6, 2005.

SANTOS, Larissa. A construção de narrativas como estratégia de comunicação organizacional. MARQUES, Ângela et al. **Comunicação organizacional: Vertentes conceituais e metodológicas**. Belo Horizonte: Selo PPGCom UFMG, 2017.



UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES – UNE. **Estudantes ocupam 961 escolas e universidades contra retrocessos na educação.** Disponível em: <goo.gl/CWrnMx> Publicado em: 14 out 2016. Acessado em 07 mai 2023.

VENUTO, Carolina; FAYET, Eduardo; NAVARRO, Rodrigo. **Cartilha de Relações Institucionais e Governamentais da Abrig:** Diálogo, Ética e Transparência. Brasília: ABRIG, 2019.

Notas estudantis analisadas:

CENTRO ACADÊMICO AMÉLIA ALBA – CAAA UFC. **Carta aberta à comunidade acadêmica da UFC.** [Carta - 03 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/ok9IpY> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO BATISTA NETO – CABN UFC. **Nota da ocupação das e dos estudantes do Departamento de Ciências Sociais – UFC.** [Nota - 08 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/I9fLGG> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DA GRAD. EM BIOTECNOLOGIA – CAGB UFC. **Nota sobre a Assembleia Geral dos Discentes em Biotecnologia.** [Nota - 09 nov. 2016, Fortaleza/CE. 2f.] Disponível em: <goo.gl/QeUbLV> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DAMIÃO XIMENES LOPES – UFC. **Nota oficial do Centro Acadêmico Damião Ximenes Lopes.** [Nota - 09 nov. 2016, Sobral/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/ISY9ve> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS – CAGPP UFC. **Nota de posicionamento.** [Nota - 07 nov. 2016, Fortaleza/CE. 01f.] Disponível em: <goo.gl/1e39HW> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DE MATEMÁTICA INDUSTRIAL – CAMI UFC. **Matemática Industrial Ocupada.** [Nota - 15 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/xFDXdL> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DE MÚSICA – CAMUS UFC. **Nota da Assembleia Geral dos Estudantes de Música da UFC Campus Sobral.** [Nota - 11 nov. 2016, Sobral/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/PAJj3I> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DE PSICOLOGIA – CAPSI UFC. **Nota da OCUPSI – Ocupação do Departamento de Psicologia da UFC.** [Nota - 10 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/UCejJy> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DE PSICOLOGIA – CAPSI UFC. **Nota Pública: Pós- Graduação em Psicologia da UFC** [Nota - 11 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/djXLXb> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO DIAS DA ROCHA – CADR UFC. **Nota do C.A. referente à greve estudantil e ocupações no CCA.** [Nota - 18 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/bO9AA5> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO FREI TITO DE ALENCAR – CAFTA UFC. **História UFC Ocupada: Ocupar e resistir em defesa dos nossos direitos!** [Nota - 08 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/WhTczM> Acesso em: 11 abr. 2017.



CENTRO ACADÊMICO GRASIELA BARROSO – CAGB UFC. **Nota dos Estudantes de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.** [Nota - 08 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/geVvkI> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO ÍCARO DE SOUSA – CAIS UFC; CENTRO ACADÊMICO MARIA DE LOURDES DA CONCEIÇÃO ALVES – MALOCA UFC. **LABOMAR ocupado.** [Nota - 14 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/2ByXDi> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO NICE FIRMEZA – CANF IFCE. **Curso Licenciatura Artes Visuais - IFCE: Ocupar e resistir, resistir para educar!** [Nota - 09 nov. 2016, Fortaleza/CE. 01f.] Disponível em: <goo.gl/e5mgsJ> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO PATATIVA DO ASSARÉ – CAPA UFC. **Nota sobre a Ocupação de Letras – UFC.** [Nota - 07 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/NqBNEJ> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO QUATRO DE DEZEMBRO – CAQD UFC. **Nota aos alunos.** [Nota - 07 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/PCUNpH> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO SÔNIA GUSMAN – CASG UFC. **Fora Temer: Ocupar e Resistir contra o avanço do conservadorismo.** [Nota - 15 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/5EWFG0> Acesso em: 11 abr. 2017.

CENTRO ACADÊMICO XICO SÁ – CAXS UFCA et al. **Entenda como funcionou o processo da ocupação do Campus Juazeiro do Norte** [Nota - 12 nov. 2016, Juazeiro do Norte/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/3IGxIL> Acesso em: 11 abr. 2017.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TRISTÃO DE ATHAYDE – UFC. **Lutar sempre e Temer jamais.** [Nota - 13 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/KcOE5R> Acesso em: 11 abr. 2017.

DIRETÓRIO ACADÊMICO TRISTÃO DE ATHAYDE – UFC. **Nota Pública dos Discentes do PPGCOM UFC.** [Nota - 17 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/PyqMgy> Acesso em: 11 abr. 2017.

DIRETÓRIO ACADÊMICO VALDINAR CUSTÓDIO – DABIO UFC. **Biologia Ocupada – Nota dos Alunos e das Alunas de Biologia da Universidade Federal do Ceará.** [Nota - 07 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/H84DJr> Acesso em: 11 abr. 2017.

DIRETÓRIO ACADÊMICO XIII DE JULHO – DAQUI UFC. **Greve Estudantil da Química na UFC.** [Nota - 08 nov. 2016, Fortaleza/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/Ixpnm2> Acesso em: 11 abr. 2017.

DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES – DCE UFC. **Ocupar e resistir pelo Povo Brasileiro.** [Nota - 06 nov. 2016, Fortaleza/CE. 2f.] Disponível em: <goo.gl/dsxokS> Acesso em: 11 abr. 2017.

OCUPAÇÃO DO IFCE CRATO. **Manifesto.** [Nota - 16 nov. 2016, Crato/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/RQ17JE> Acesso em: 11 abr. 2017.

OCUPAÇÃO DA REITORIA DA URCA. **Estudantes ocupam a Reitoria da URCA em protesto ao Desgoverno Federal e suas deformas.** [Nota - 25 out. 2016, Crato/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/CDwexA> Acesso em: 11 abr. 2017.



OCUPAÇÃO DA UNILAB. **Nota de Ocupação da UNILAB.** [Nota - 17 nov. 2016, Redenção/CE. 1f.] Disponível em: <goo.gl/r5oqsJ> Acesso em: 11 abr. 2017.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.